

PONDÉ, Gloria. *O renascimento de Vênus: a mulher na literatura infantil*. São Paulo: SESI-SP, 2018. 156 p.

*Leonor Werneck dos Santos*¹

O livro *O renascimento de Vênus: a mulher na literatura infantil* é o mais novo volume da coleção dedicada à obra de Glória Pondé, uma das precursoras brasileiras dos estudos de literatura infantil e juvenil. A autora foi professora da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e da Universidade Federal Fluminense (UFF), instituições nas quais ajudou a criar cursos de especialização na área. Seu percurso nas pesquisas e nos projetos envolvendo literatura e leitura inclui a participação na equipe da Ciranda de Livros, na direção da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ), no projeto Salas de Leitura e na criação do Programa Nacional de Incentivo à Leitura (Proler).

Falecida em 2006, Glória Pondé marcou gerações de alunos, professores e pesquisadores, por abordar em suas aulas, palestras e artigos temas variados associados à literatura e ao ensino de leitura. Como reconhecimento da sua importância no cenário dos estudos literários brasileiros, o Prêmio Anual de Melhor Projeto Editorial da FNLIJ leva seu nome, desde 1993. Além disso, o Prêmio de Literatura Infantil e Juvenil da Biblioteca Nacional também recebe seu nome desde 2007 (em 2013, passou a se chamar Prêmio Glória Pondé de Literatura Juvenil).

O renascimento de Vênus é leitura essencial para quem deseja conhecer um pouco da

1 Professor Titular de Língua Portuguesa da UFRJ, onde atua desde 1995. Graduação em Português-Literaturas (UFRJ-1989), Mestrado (UFRJ-1994) e Doutorado (UFRJ-2001) em Letras Vernáculas (Língua Portuguesa). Pós-Doutorado: em Linguística, sob a supervisão da Professora Doutora Isabel Robredo Seara/Universidade Aberta-Portugal (janeiro-dezembro/2018); em Linguística, sob a supervisão da Profa. Dra. Mônica Cavalcante/UFC (abril/2013-janeiro/2014), com Bolsa Pós-Doutorado Sênior do CNPq. Ex-professora de Ensino Fundamental e Médio (Colégio Pedro II, rede municipal e particular do Rio de Janeiro).



temática feminina na literatura infantil, tanto no que concerne a escritoras mulheres quanto a abordagens teóricas e pedagógicas. O prefácio de Maria Elizabeth Graça de Vasconcellos – outra conhecida pesquisadora da área, também professora da UFRJ – destaca a importância e a atualidade da obra, escrita em 1995 e nunca publicada. O livro é bem organizado e conduz o leitor a capítulos ora mais complexos, ora mais simples, sem nunca abandonar o aprofundamento em temas atemporais.

A abordagem dos capítulos passa pela discussão das representações sociais das mulheres na literatura infantil contemporânea, da escrita feminina para crianças, do papel do leitor e da mediação pedagógica, conduzindo uma discussão a respeito do leitor implícito e da ação social da literatura. É, portanto, um livro que não só discute a importância da literatura na sociedade e na formação do cidadão, como também aponta para questões ideológicas presentes na literatura. Assim, a atualidade da obra é percebida não só pela abordagem da literatura infantil brasileira contemporânea e das questões do feminino que subjazem à literatura, mas também pela discussão teórica que envolve o próprio fazer literário.

No livro, percebe-se o profundo conhecimento interdisciplinar da autora, apresentado com uma linguagem concisa, nem um pouco hermética, que cativa mesmo leitores pouco afeitos a debates sobre antropologia, sociologia e filosofia que o livro engendra. Se há capítulos, como o sexto, em que as referências a filósofos de diferentes correntes podem parecer complexas, outros capítulos, como o terceiro, abordam o papel do leitor em uma perspectiva semiológica com aprofundamento teórico, porém de maneira objetiva, quase ensaística. Dessa forma, o livro é destinado a alunos de graduação e pós-graduação, professores de educação básica e superior, leitores interessados na temática, ou seja, a todos os que desejam compreender o fazer literário, especialmente em obras voltadas a crianças, com aprofundamento teórico e exemplos.

A frase que abre a introdução resume o teor do livro: “A linguagem tem um papel ativo no processo de aquisição do conhecimento, porque cria a imagem do mundo, permitindo expressá-lo por signos e, desse modo, conhecê-lo” (p. 13). Em seguida, a autora justifica a opção por analisar a escritura feminina na literatura infantil brasileira contemporânea, por ser “uma produção duplamente marginal: denuncia o silenciamento político que o processo cultural tem determinado aos grupos desviantes, como o das mulheres, e passa à margem dos cânones literários preconizados pela ordem estabelecida” (p. 14).

No capítulo introdutório, Gloria Pondé relaciona Eva, Lilith e Maria ao papel da mulher na literatura e na sociedade patriarcal. Ao mesmo tempo, traça um paralelo com culturas indígenas e associa suas reflexões às obras de Ciça Fittipaldi, Marina Colasanti e Lygia Bojunga. Os comentários sobre essas autoras destacam que a produção feminina tende a “reconstituir e interpretar as identidades sob a ótica dos escritos do poder e, por isso, aproxima-se de outros movimentos sociais de resistência” (p. 23).

Em seguida, o capítulo 2 conduz o leitor à percepção das diferenças entre os contos

de fadas tradicionais e os de Marina Colasanti. Dessa forma, percebemos como tradição e modernidade se misturam na obra desta autora e como as questões multiculturais colaboram para a construção das narrativas.

Já no capítulo 3, surge uma reflexão sobre o papel do leitor na literatura infantil: quem é esse leitor?, como se constrói a imagem do leitor nos textos voltados para crianças? Citando Umberto Eco, que afirmava que sempre se escreve pensando em um leitor, Glória Pondé alça o leitor criança ao papel de protagonista da leitura e associa a entrada da literatura infantil na escola ao caráter multidisciplinar dos diversos mediadores que atuam no contato entre um texto literário e a criança: professores, bibliotecários, pais e leitores críticos.

Nesse momento, Glória Pondé questiona o preconceito que envolve a literatura infantil – tratada por alguns críticos como uma literatura menor – e destaca a pluralidade de sentidos contida na produção editorial contemporânea para crianças. Além disso, referindo-se com frequência ao semiólogo Umberto Eco, a autora discute questões associadas ao prazer da leitura e à concepção de leitor que subjaz a toda obra literária: “todo texto tem de demonstrar que deseja o leitor, e o prazer da leitura vem de certas rupturas operadas na língua” (p. 93).

No Capítulo 4, Glória Pondé destaca a mediação pedagógica, resumindo o histórico da educação no Brasil, em especial, do papel da mulher na educação, como aluna ou professora. A autora analisa a influência da literatura de autoria feminina junto ao público docente, que muitas vezes é predominantemente formado por mulheres, e associa a professora não apenas como mediadora, mas também como leitora virtual junto com os alunos.

Dando continuidade às reflexões sobre leitura, o capítulo 5 discute o papel do leitor implícito e do leitor real na literatura infantil e questões envolvidas na mediação. Glória Pondé analisa, então, temas associados à estética da recepção e à ciência da literatura, apresentando conceitos como dialogismo e polifonia, recorrentes nas obras de autores como Mikhail Bakhtin e Regina Zilberman, e continua sua reflexão a respeito da função do sistema literário nos níveis da cognição, da norma e da emoção.

No capítulo 6, há um aprofundamento filosófico a respeito de hermenêutica e ação social, retomando filósofos como Foucault e Nietzsche. Alguns trechos do livro merecem virar epígrafes para reflexão de qualquer obra literária: “A linguagem, quando cumpre sua finalidade comunicativa, não funciona como mera técnica. É a constituição da vida humana, que não pode ser substituída e desprezada por nenhuma técnica de informação. Aí reside a força da literatura comprometida com os valores mais profundos do ser humano» (p. 131).

Na conclusão, Glória Pondé aponta que a literatura infantil, “por ser um discurso que circula entre a escola e a família, pode ajudar institucional e individualmente na formação de uma subjetividade mais sensível e solidária compatível com o mundo de amanhã” (p. 146). Ao encerrar essa obra escrita há mais de 24 anos, só agora publicada, uma das frases parece

profetizar uma reflexão que, ainda hoje, urge fazer: “Se a opressão está em todos os lugares, a saída é levar a uma transformação dos costumes e das relações afetivas” (p. 148).

A coleção Glória Pondé, publicada pela editora SESI/SP, presta um tributo à autora e resgata não apenas a produção teórica dessa professora que tão precocemente nos deixou, mas também traz a público uma reflexão poucas vezes engendrada sobre literatura, em especial a infantil, e sobre o papel da mulher. O projeto gráfico-editorial da coleção traduz, ao mesmo tempo, harmonia e pluralidade: em cada um dos 4 livros já publicados, uma cor predomina na capa, nas letras e nas divisórias dos capítulos. Além disso, na capa, o título de cada livro representa um mosaico de matizes de cores, semelhante a uma colcha de retalhos. No caso do livro vermelho *O renascimento de Vênus*, estamos diante de uma daquelas obras cuja leitura parece destinada a momentos como o que vivemos atualmente, no qual a violência contra mulher é recorrente no noticiário nacional e internacional, assim como a opressão e a violência em geral contra minorias, e no qual tudo que diz respeito à educação e ao papel da literatura vem sendo uma tônica na linguagem de políticos e pseudo formadores de opinião.

A leitura da obra de Glória Pondé suscita uma série de relações intertextuais e interdisciplinares. E, para quem foi seu aluno ou colega, ler este livro (e os demais da coleção) significa homenageá-la. Glória Pondé alçou a literatura infantil ao mesmo patamar da chamada literatura adulta, em um momento em que livros para crianças e jovens eram considerados uma “literatura menor”. E, ainda hoje, quando diversos autores e ilustradores brasileiros são premiados nacional e internacionalmente, o legado da autora nos relembra da importância de dar o devido destaque à literatura infantil: “a arte exige de nós um trabalho próprio de construção e invenção” (p. 139).